

ESTUDOS EM HOMENAGEM A ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA



Instituto Nacional de Investigação Científica
Centro de Estudos de Etnologia

AS ROMARIAS QUARESMAIS DE SÃO MIGUEL (AÇORES)

João Leal

Antropologia Social — ISCTE

O estudo das cerimónias cíclicas anuais constitui uma das principais vertentes da pesquisa do Dr. Ernesto Veiga de Oliveira. Graças a ela, dispomos já de um importantíssimo acervo de materiais e análises, indispensável à compreensão de uma das mais relevantes dimensões das sociedades rurais e tradicionais: a organização ritual do calendário anual.

Associamo-nos à homenagem prestada ao Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, por intermédio de uma contribuição situada justamente nessa área. O seu objectivo principal é o de fornecer uma apresentação etnográfica detalhada das Romarias Quaresmais de São Miguel (Açores), um dos poucos rituais populares ligados à Quaresma com efectiva existência na actualidade.

Na sua base encontra-se uma recolha conduzida em Fevereiro de 1988 junto do *rancho* da freguesia de Ponta Garça (concelho de Vila Franca do Campo), em cuja Romaria tive ocasião de me integrar⁽¹⁾. Os dados então recolhidos foram posteriormente completados com recolhas mais breves de informação junto de outros *ranchos*.

*

Conhecidas correntemente através da expressão abreviada de Romaria — que recebe aqui um sentido diferente do usual — as Romarias Quaresmais podem ser genericamente apresentadas como uma peregrinação visando a prática intensiva da oração e da penitência. Decorrendo numa das semanas da Quares-

O Tanto a recolha que está na base do presente texto como o próprio texto integram-se um projecto de trabalho em curso que beneficia de uma bolsa do INIC. Agradecimentos especiais são devidos ao Dr. Rui Sousa Martins, da Universidade dos Açores, que realizou os contactos prévios que tornaram possível essa recolha e ao mestre João Manuel de Sousa, do rancho de Ponta Garça, que foi sempre de um precioso auxílio em todo o meu trabalho.

ma, essa peregrinação centra-se sobre a totalidade das igrejas e ermidas da ilha de São Miguel consagradas a Nossa Senhora — as chamadas *Casas de Nossa Senhora* — às quais se acrescentam ainda um grande número de igrejas e ermidas colocadas sob outras invocações. No total, são *visitados* no decurso do ritual cerca de 100 lugares de culto, distribuídos pelo conjunto das 58 freguesias de São Miguel. Dadas as características predominantemente litorais do povoamento da ilha, o itinerário da Romaria tem características circulares, devendo fazer-se sempre no sentido dos ponteiros do relógio.

A participação no ritual tem lugar no quadro de grupos constituídos expressamente para o efeito, os *ranchos* de Romeiros. Os romeiros envergam um traje próprio, constituído por um xaile caído sobre os ombros e um lenço que sendo mais correntemente atado ao pescoço, pode ser também usado à cabeça. Além disso, todos os romeiros se fazem acompanhar de um bordão e de um terço, e ainda de um saco de pano, ou *sovadeira*, levado às costas e onde são transportados alguns alimentos e, eventualmente, uma muda de roupa.

As Romarias Quaresmais apresentam características tradicionais muito marcadas, expressas tanto nas formas de oração que lhes são próprias, como nas normas e usos que as rodeiam.

A tese mais divulgada acerca das suas origens, fá-las remontar às crises sísmicas que atingiram a ilha de São Miguel em 1522 e 1563. Esta tese foi detalhadamente defendida por Ernesto Ferreira (1959), tendo sido posteriormente retomada por diversos autores. De acordo com ela as Romarias seriam o resultado da institucionalização de manifestações espontâneas de piedade popular no decurso dessas crises sísmicas, tal como elas são relatadas nas crónicas de Gaspar Frutuoso e Frei Agostinho de Montalverne.

Embora os elementos em que se apoia não sejam completamente seguros — e se imponha em consequência uma investigação mais aprofundada nessa área — esta «narrativa das origens» foi incorporada na estrutura de fundamentação do ritual e faz parte do modo como os seus protagonistas se referem a ele.

No conteúdo e estrutura das Romarias sobressaem entretanto outras características e motivos.

Entre elas, ocupa lugar de destaque a estreita articulação do ritual com um certo número de temas e tradições centrais da Quaresma, alguns deles caídos já em desuso ou em processo de declínio.

Essa articulação expressa-se, antes do mais, no relevo que a Romaria concede à prática intensiva da penitência e da oração. Estes dois aspectos fundamentais da religiosidade quaresmal constituem não só o núcleo central da Romaria como recebem no seu quadro um tratamento particularmente vincado e expressivo. O próprio conteúdo da oração concede também um lugar importante a temas de inspiração quaresmal, com relevo para a Paixão e Morte de Cristo.

Certas soluções que o ritual consagra podem também ser entendidas por referência à Quaresma. É possível, por exemplo, estabelecer um certo paralelismo entre as características das Romarias como peregrinação centrada num

conjunto de igrejas e ermidas e a tradição mais geral de, na Semana Santa, proceder à visita de um certo número de igrejas⁽²⁾. Certos outros aspectos do ritual — com destaque para o relevo que nas intenções da oração ocupam as almas do purgatório — vinculam-se também a práticas a que a Quaresma conferia particular ênfase.

Este vínculo entre as Romarias e a Quaresma encontra uma das suas expressões formais no papel que, nas diferentes freguesias da ilha, os romeiros assumem no decurso das cerimónias da Semana Santa. E entre eles que são geralmente escolhidos os indivíduos que, no *lava-pés* de 5.^a Feira Santa, representam os doze apóstolos. De igual forma, em algumas das procissões da Semana Santa, os romeiros desempenham um papel de relevo, integrando-as enquanto corpo distinto, ou assegurando o transporte de certos andores.

Simultaneamente a esta sua articulação privilegiada com a Quaresma, as Romarias são marcadas por uma importante orientação mariana. O facto expressa-se, em primeiro lugar, na importância que, no contexto geral da peregrinação, ocupam as igrejas e ermidas colocadas sob a invocação de Nossa Senhora. Mas transparece também no fundo predominantemente mariano das modalidades de oração específicas do ritual.

As motivações que conduzem à participação na Romaria são de duas ordens. Para muitos romeiros o ritual configura-se como uma devoção genérica e regular em que são determinantes ideias, caracteristicamente quaresmais, de perdão e reconciliação com a divindade e de regeneração espiritual periódica.

Simultaneamente, as Romarias constituem, no quadro das formas de religiosidade popular dominantes em São Miguel, um meio de satisfação de promessas individuais, geralmente relacionadas com circunstâncias graves da vida — doença, acidentes. Um dos períodos de maior desenvolvimento do ritual — ao longo dos anos 60 e 70 — teve justamente na sua base a multiplicação de promessas relacionadas com a guerra colonial. E ainda hoje — embora sofrendo a concorrência crescente do culto do Santo Cristo — os *ranchos* integram um número importante de romeiros «por promessa». Tradicionalmente, a Romaria previa inclusivamente a possibilidade de pessoas mais idosas prometerem «fazer a Romaria» *em espírito*: um familiar mais novo era solicitado a integrar efectivamente o *rancho*, cumprindo a promessa em nome do vovente, que a considerava desta forma satisfeita.

Embora o ritual seja caracterizado por uma grande autonomia em relação à Igreja, esta última tem vindo a desenvolver uma certa aproximação em relação a ele. Em 1962 foi publicada uma regulamentação eclesiástica da Romaria (cf. Regulamento..., 1962) e, mais recentemente, têm sido implementadas formas de

(²) Essa tradição era geral em Portugal. No caso das ilhas atlânticas ela é referida por Leite de Vasconcelos para a Madeira onde, na 5.^a Feira Santa, as pessoas «visitam as casinhas de Nossa Senhora» (1982:215). Silva Ribeiro (1983) refere também uma tradição similar para a Terceira que ele aproxima — em termos talvez excessivos — das Romarias Quaresmais de São Miguel.

coordenação do ritual, ao nível da ilha. A direcção principal deste esforço vai no sentido do enquadramento religioso das Romarias. Entretanto, e para além de uma ou outra modificação, as suas características tradicionais não têm sido postas em causa. A regulamentação que referimos é disso um bom exemplo: em muitos aspectos, ela funciona sobretudo como uma formalização dos traços específicos do ritual tal como este se configurava tradicionalmente.

Composição e organização dos *ranchos*

Os *ranchos* de romeiros constituem-se por freguesia e possuem uma dimensão variável, de acordo com a maior ou menor expressão local do culto e em função do número de pessoas que, em cada ano, pretendem cumprir o ritual. Se, no decurso dos anos 60 e 70 certos *ranchos* — como o da freguesia de Rabo de Peixe — chegaram a integrar 200 romeiros, a dimensão da maioria dos *ranchos* oscila actualmente entre os 20 e os 100 romeiros.

Embora no passado tenham existido *ranchos* integrados por homens e mulheres (facto referido por Leite de Ataíde, 1920, e por Mendonça Dias, 1946 e confirmado, ainda hoje, por romeiros mais idosos), na actualidade e em resultado de pressões eclesíásticas, as mulheres deixaram de participar no ritual.

Os *ranchos* são geralmente integrados por um número variável de romeiros que participam com alguma regularidade na Romaria. É em torno deles que cada *ranchos* ganha uma certa estabilidade. E também nesse núcleo mais permanente que a Romaria adquire características de uma tradição familiar, que envolve eventualmente membros de uma mesma unidade doméstica e se tende a transmitir de pais para filhos⁽³⁾.

Relativamente à composição actual dos *ranchos* dois factos avultam: a sua estrutura etária relativamente jovem e uma certa heterogeneidade sócio-profissional⁽⁴⁾.

*

Os *ranchos* possuem uma estrutura interna própria, caracterizada pela sua autonomia em relação à hierarquia eclesíástica. A direcção do ritual compete ao

⁽³⁾ No *ranchos* de Ponta Garça, por exemplo, de um total de 57 romeiros que participaram na Romaria de 1988, 39 tinham tido uma participação anterior na Romaria e, desses, cerca de 20 podiam ser considerados como seus participantes habituais.

⁽⁴⁾ Estes dois traços ressaltam claramente dos dados publicados por Álvaro Saraiva (Saraiva, A. e Dias, Teixeira, 1987:30 e 31). Numa amostragem de cerca de 120 romeiros, 18% tinham entre 9 a 16 anos, 38% entre 17 a 25, 27% entre 26 a 35, 13% entre 36 a 60 e 3% mais de 60 anos. Quanto aos principais grupos profissionais, os camponeses e agricultores representavam 31% do total, os operários da construção civil 23%, os empregados de serviços 14%, os estudantes 13%, os pescadores 7%, correspondendo os 13% restantes a profissões várias.

mestre. Este é geralmente um romeiro bastante experiente, que uma vez tendo acedido ao cargo, o guardará durante muitos anos, até que um novo *mestre*, iniciado e indicado por ele, tome o seu lugar.

E a ele que, em cada ano, os romeiros comunicam a sua intenção de participar na Romaria e é sobre ele que recai o trabalho preparatório da saída do *rancho*. Este consiste em reuniões em que são dadas a conhecer ou lembradas as regras que presidem à Romaria e em que são ensaiadas as orações e cânticos próprios do ritual.

As funções do *mestre* são particularmente relevantes em dois planos. Cabe-lhe, por um lado a direcção genérica do *rancho* e da sua marcha. No exercício destas funções, o *mestre* faz frequentemente uso de uma campainha, através da qual orienta e dirige a caminhada. É ainda sobre ele que repousa a manutenção da disciplina que caracteriza o funcionamento interno do *rancho*. Em segundo lugar, o *mestre* é o principal responsável pela direcção propriamente cerimonial da Romaria. Nesta última qualidade, ele deve ter não só um conhecimento minucioso das orações e cânticos que integram a Romaria, como é, ele próprio, nalguns casos, um dos artífices de parte dessas orações. Um certo conhecimento dos textos religiosos é-lhe nessa medida indispensável.

O *mestre* é assistido por um *contra-mestre* por ele escolhido. Ele próprio, antes de exercer as funções de *mestre*, foi durante muitos anos *contra-mestre*, procedendo então a uma certa aprendizagem do cargo. O *contra-mestre*, além de coadjuvar o *mestre*, pode em certas circunstâncias substituí-lo. As suas funções são particularmente importantes no tocante à condução da oração, em que se reveza com o *mestre*. Caso o *rancho* seja muito grande, o *contra-mestre* assegura ainda a direcção cerimonial de parte dele.

Cada *rancho* integra também dois *guias*, a quem compete a sua condução ao longo do itinerário tradicionalmente estabelecido. A sua missão redobra de importância caso se torne necessário recorrer, devido a qualquer contratempo, a percursos alternativos dos usuais, geralmente integrados por atalhos e caminhos secundários. No quadro dos «saberes» ligados à Romaria, os *guias* são sobretudo os detentores por excelência de um conhecimento minucioso da «geografia» da Romaria.

A existência de um ou dois *dispenseiros* está também prevista na estrutura interna de cada *rancho*. As suas atribuições principais relacionam-se com o aprovisionamento alimentar do *rancho*. Só eles estão autorizados a abandonar o *rancho* para adquirirem os produtos alimentares que cada romeiro lhes solicite. São eles também os depositários dos fundos do *rancho*, constituídos com base na contribuição própria de cada romeiro e em ofertas feitas ao *rancho*. Uma parte desses fundos destina-se a *esmolas* ⁱ).

(ⁱ) Esta prática filia-se no apelo mais geral à esmola próprio da Quaresma. No passado a sua expressão era mais importante. Mas, ainda hoje, são muitos os pedintes e pessoas pobres que solicitam *esmolas* ao *rancho*.

Finalmente, integram ainda o *rancho* o *alembrador* e o *procurador das almas* cujas funções, de ordem cerimonial, se ligam à oração. O *alembrador das almas* — também designado por *proclamador das almas* — assegura tradicionalmente a condução de certas sequências precisas da oração. Em certos *ranchos*, essas funções podem ser entretanto desempenhadas pelo *mestre* (eventualmente coadjuvado pelo *contra-mestre*). Quanto ao *procurador das almas* — ou *irmão das almas* — tem a seu cargo a recolha dos pedidos de oração que são formulados ao *rancho* por pessoas que lhe são exteriores.

O *rancho*, quando em marcha, adopta uma formação convencional constituída por duas alas de romeiros caminhando a par e separados entre si cerca de 2 metros. Os bordões devem ser transportados, em posição quase horizontal, do lado de dentro da ala, enquanto os terços seguem do lado de fora. O lugar de cada romeiro na formação é atribuído pelo *mestre* no início da Romaria e deve manter-se fixo no seu decurso.

Alguns dos detentores dos cargos atrás referidos ocupam um lugar tradicionalmente definido. Os dois *guias* abrem a marcha, encabeçando cada uma das alas do *rancho*. No meio deles segue o *menino da cruz*, uma criança encarregue do transporte de uma pequena cruz — a cruz paroquial — que deve acompanhar o *rancho* durante todo o seu percurso. O *mestre* e o *contra-mestre* seguem também entre as alas, o primeiro na parte de trás do *rancho* e o segundo na parte da frente. Se o *rancho* possui *alembrador das almas*, o seu lugar é igualmente entre as duas alas, sensivelmente a meio do *rancho*. O *procurador das almas*, por fim, segue na cauda do *rancho* e um pouco destacado dele, de forma a ir recolhendo os pedidos de oração feitos ao *rancho*.

Esta formação apenas é abandonada nas pausas para descanso e refeições ou quando têm lugar as paragens para oração nas igrejas e ermidas. Excepcionalmente, quando o caminho é muito estreito, as duas filas fundem-se numa só. E se em *ranchos* menos rigorosos ela pode ser eventualmente desfeita em locais *descampados*, de uma forma geral ela tende a ser respeitada, devendo ainda a marcha realizar-se em silêncio ou em oração.

Disciplina e solidariedade no quadro do *rancho*

O funcionamento interno do *rancho* é marcado em primeiro lugar por uma disciplina muito forte.

Esta supõe o acatamento, por parte de todos os romeiros, do conjunto de normas, usos e costumes que regulam a organização interna do *rancho* e a estrutura do ritual.

Entre essas normas destacam-se as que dizem respeito aos contactos dos romeiros com o mundo exterior. Convergentemente com a consagração exclusiva à oração e à penitência, a Romaria confere grande ênfase a ideias de «corte com o século». Em consequência os contactos com o exterior são severamente

limitados. Os romeiros não podem abandonar o *rancho* sem autorização prévia do *mestre*. Está-lhes interdito cumprimentarem ou dirigirem-se a qualquer pessoa conhecida no decurso da marcha. Em particular nas freguesias onde o *rancho* passa a noite estão proibidos de visitar parentes ou amigos. Durante a marcha ou no decurso das pausas para descanso ou refeições não é permitido que qualquer romeiro se dirija a lojas ou cafés, encontrando-se, por essa razão, as compras centralizadas nos *dispenseiros*.

O conjunto de normas que regulam a Romaria têm no *mestre* o seu garante. Daí que, como parte integrante dos valores de disciplina que regulam o funcionamento do *rancho*, os romeiros lhe devam uma obediência sem restrições. Tanto o modo como é tratado — por *irmão mestre* — como a forma de saudação que lhe é devida — através de *beija mão* — acentuam justamente a autoridade investida na sua figura.

Ao lado desta forte disciplina, mais auto-assumida do que imposta, o funcionamento do *rancho* é marcado por uma outra característica central: uma solidariedade muito grande, construída a partir de ideais extremamente marcados de fraternidade.

Esses ideais começam por se expressar no tratamento por *irmão* prevalecente entre todos os romeiros e no abraço como forma de saudação mútua. Simultaneamente as barreiras geracionais são suprimidas, bem como as diferenças de índole sócio-profissional. A inter-ajuda é estimulada e o ênfase é posto num relacionamento baseado na harmonia.

E a este respeito significativo que, caso participem na Romaria duas pessoas eventualmente «desavindas» entre si, elas sejam obrigadas a um pequeno ritual de concórdia. Esse ritual é descrito da seguinte forma na regulamentação eclesiástica da Romaria: «Se acontecer de nalguns ranchos se encontrarem pessoas inimigas ou rivais, o Mestre no primeiro escampado tocará a campainha para o rancho e chamando os desavindos, à vista de toda a comunidade, convida-os a abraçarem-se cordialmente, fã-los caminhar lado a lado durante a viagem e dormir na mesma casa, para que a amizade volte a reinar entre eles» (cf. Regulamento..., 1962:41).

Estes ideais de fraternidade são fortemente valorizados pelos próprios romeiros e constituem mesmo um dos motivos mais fortes de atracção do ritual. De facto, para a grande maioria dos romeiros, a Romaria, além da sua vertente propriamente religiosa, representa também uma espécie de momentânea imersão num mundo onde as diferenças e os conflitos estão banidos, um mundo onde prevalece um relacionamento social ideal que é explicitamente contraposto à vida de todos os dias.

Estrutura genérica da marcha

Tendo lugar numa das semanas da Quaresma — variável de *rancho* para *rancho*, mas que, para cada *rancho* é sempre a mesma de ano para ano — o ritual inicia-se a um sábado ou a um domingo e o seu termo ocorre no domingo seguinte. Antes de partir, os romeiros, acompanhados pelos respectivos familiares, assistem à missa na igreja paroquial, no termo da qual o pároco faz a entrega da pequena cruz paroquial que o *rancho* levará consigo ao longo do percurso. Os familiares dos romeiros acompanham depois o *rancho* até aos limites da freguesia ou juntam-se mais tarde a ele para participarem na primeira refeição da Romaria. Uma vez terminada esta têm lugar as despedidas. Trata-se de uma ocasião bastante marcada de um ponto de vista emocional. A Romaria implica de facto um afastamento momentâneo da vida social corrente e é sobretudo em relação à família que essa dimensão do ritual é mais valorizada.

O termo da Romaria reveste-se, da mesma maneira, de características importantes de reagregação dos romeiros não apenas na freguesia, mas também, mais uma vez, na unidade doméstica. Os familiares dos romeiros aguardam o *rancho* à entrada da freguesia, tomam a refeição com ele, acompanham-no depois na parte final do percurso e assistem com ele à missa que põe fim à Romaria.

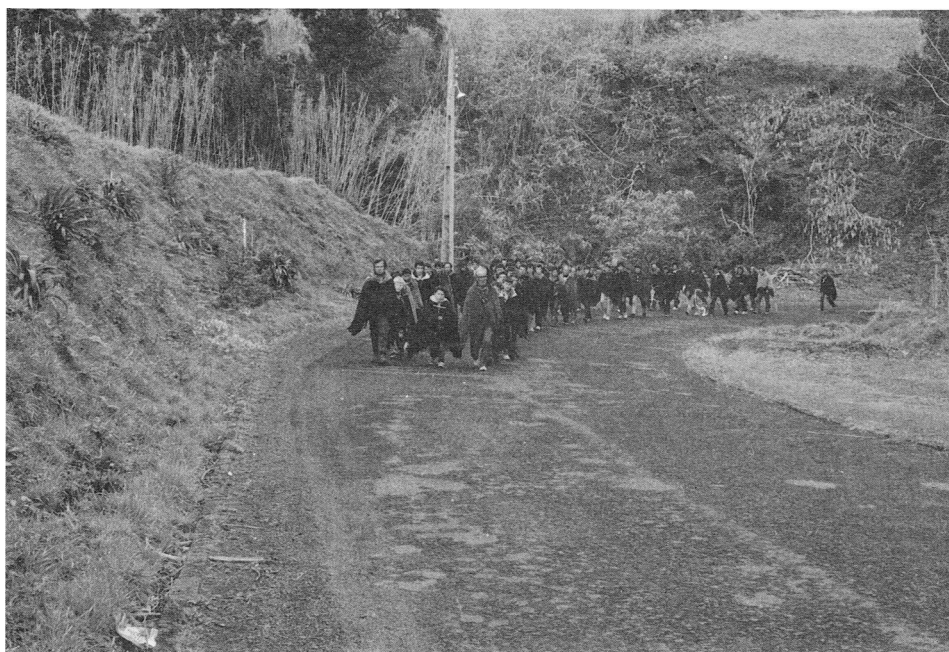


Fig. 1 — Marcha do rancho.

O percurso percorrido pelo *rancho* ao longo da Romaria tem uma extensão aproximada de 200 km e estrutura-se em etapas diárias de cerca de 25 / 30 km. A marcha inicia-se muito cedo, por volta das 4 / 5 horas da madrugada e termina cerca das 20 horas da noite.

No quadro de cada etapa, está previsto um certo número de paragens — que têm geralmente lugar em sítios retirados — tanto para curtas pausas de descanso, como para as refeições. Estas baseiam-se em alimentos trazidos de casa por cada um dos romeiros, complementados com géneros adquiridos no decurso do caminho. Num certo número de refeições o pão e as bebidas são oferecidos por devotos da Romaria — geralmente ex-romeiros ou romeiros que, integrando-se geralmente na Romaria, não o puderam fazer nesse ano e que procuram dessa forma manter uma ligação com o ritual.

Quer estas paragens, quer os restantes aspectos da marcha diária — as igrejas e ermidas que devem ser visitadas, as estradas e caminhos concretos que devem ser tomados pelo *rancho*, etc. — estão detalhadamente previstos e mantêm-se, de ano para ano, idênticos.

As unidades de referência da caminhada são as freguesias *de pernoita*: um certo número de freguesias tradicionalmente definidas, variáveis de *rancho* para *rancho*, onde os romeiros passam a noite (cf. a este propósito, a figura 1).



Fig. 2 — O rancho em oração junto a uma igreja.

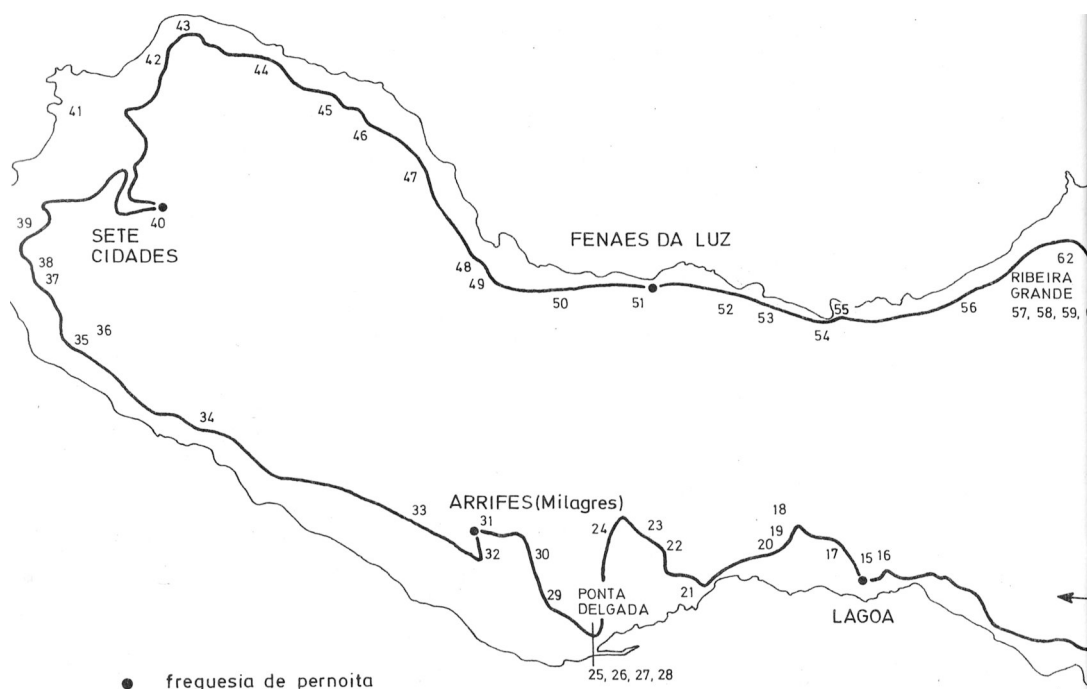
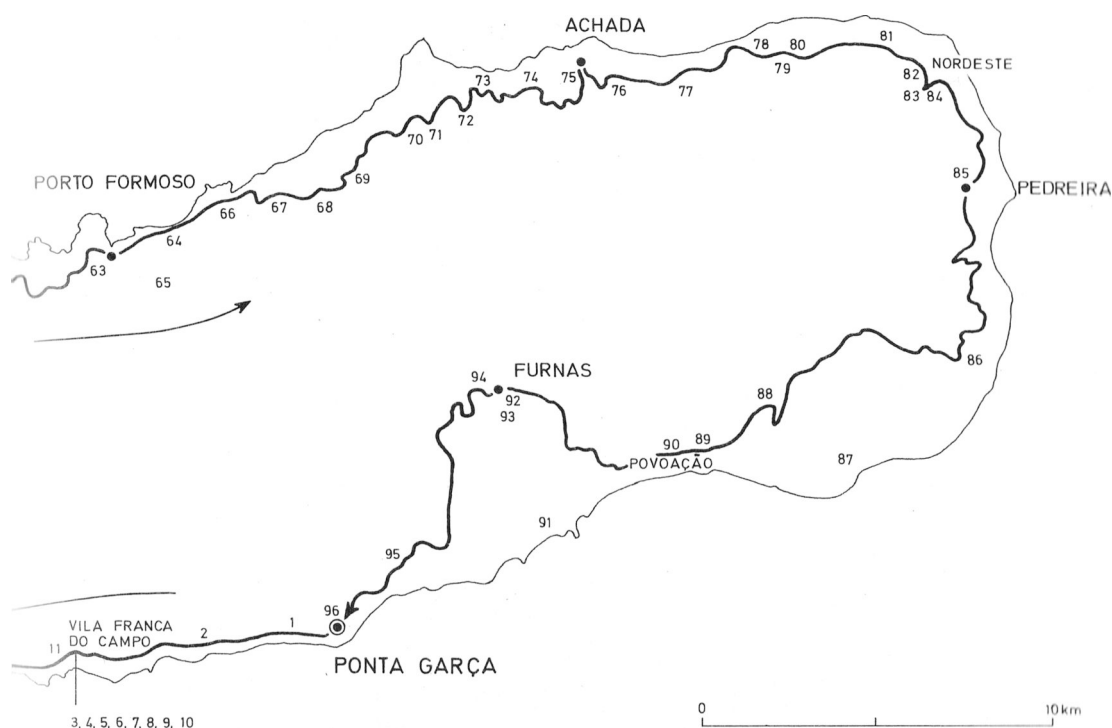


Fig. 1 PERCURSO DO RANCHO DE PONTA GARÇA

1. Senhora da Vida (Ponta Garça). 2. Bom Jesus Menino (Ribeira das Tainhas). 3. *Senhora da Paz (Vila Franca do Campo)*. 4. Santo André (Vila Franca do Campo). 5. Mãe de Deus (Vila Franca do Campo). 6. São Miguel (Vila Franca do Campo). 7. Bom Jesus da Pedra (Vila Franca do Campo). 8. Senhora da Natividade (Vila Franca do Campo). 9. São Pedro (Vila Franca do Campo). 10. Senhora de Fátima (Vila Franca do Campo). 11. São Lázaro (Água de Alto). 12. São José (Ribeira Chã). 13. *Senhora das Dores (Água Pau)*. 14. Senhora dos Anjos (Água Pau). 15. Santa Cruz (Lagoa). 16. Senhora do Rosário (Lagoa). 17. Senhora das Necessidades (Atalhada). 18. Senhora do Livramento (Livramento). 19. Senhora do Carmo (Livramento). 20. Senhora da Glória (Livramento). 21. São Roque (São Roque). 22. São João de Deus (Fajã de Baixo). 23. Senhora dos Anjos (Fajã de Baixo). 24. Senhora da Oliveira (Fajã de Cima). 25. São Sebastião (Ponta Delgada/matriz). 26. São José (Ponta Delgada). 27. Senhor Santo Cristo (Ponta Delgada). 28. Senhor Santo Cristo (Seminário/Ponta Delgada). 29. Senhora da Conceição (Casa de Saúde/Ponta Delgada). 30. Senhora da Piedade (Arrifes/Piedade). 31. Senhora dos Milagres (Arrifes/Milagres). 32. Senhora da Saúde (Arrifes/Milagres). 33. Senhora da Ajuda (Covoadá). 34. Santa Luzia (Feteiras). 35. Senhora das Candeias (Candelária). 36. Senhora do Socorro (Candelária). 37. São Sebastião (Ginetes). 38. Senhora de Fátima (Ginetes). 39. Sagrada Família (Várzea). 40. São Nicolau (Sete Cidades). 41. *Senhora da Conceição (Mosteiros)*. 42. Senhora da Conceição (Pilar da Bretanha). 43. Senhora do Pilar (Pilar da Bretanha). 44. Senhora da Ajuda (Ajuda da Bretanha). 45. Senhora dos Remédios (Ajuda da Bretanha). 46. *Santa Bárbara (Santa Bárbara)*. 47. Santo António (Santo António). 48. Senhora da Apresentação (Capelas). 49. Senhora do Rosário (Capelas). 50. *Senhora da Conceição (São Vicente)*. 51. Senhora da Luz

AS ROMARIAS QUARESMAIS DE SÃO MIGUEL



(Fenaes da Luz). 52. Senhora da Boa Viagem (Calhetas). 53. Senhora das Mercês (Calhetas). 54. Senhora do Rosário (Rabo de Peixe). 55. Jesus Crucificado (Rabo de Peixe). 56. São Pedro (Ribeira Seca). 57. Senhora do Guadalupe (Ribeira Grande). 58. Senhora da Conceição (Ribeira Grande). 59. Senhor dos Passos (Ribeira Grande). 60. Senhora da Estrela (Ribeira Grande/matriz). 61. Senhora de Fátima (Ribeira Grande). 62. São Salvador do Mundo (Ribeirinha). 63. Senhora da Graça (Porto Formoso). 64. São Brás (São Brás). 65. *Senhora do Resgate (Gorreana)*. 66. Divino Espírito Santo (Maia). 67. Senhora das Dores (Lombinha da Maia). 68. Senhora do Rosário (Lomba da Maia). 69. Senhora da Aflição (Ribeira Funda). 70. Reis Magos (Fenaes da Ajuda). 71. Senhora da Ajuda (Fenaes da Ajuda). 72. São Pedro (Lomba de São Pedro). 73. São José (Salga). 74. Senhora do Rosário (Achadinha). 75. Senhora da Anunciação (Achada). 76. *Santa Ana (Feteira Pequena)*. 77. Senhora do Amparo (Algarvia). 78. Santo António (Santo António do Nordestinho). 79. São Pedro (São Pedro do Nordestinho). 80. Senhora do Pranto (São Pedro do Nordestinho). 81. Senhora da Conceição (Lomba da Fazenda). 82. Senhora do Rosário (Nordeste). 83. São Jorge (Nordeste). 84. Senhora da Nazaré (Nordeste). 85. Senhora da Luz (Pedreira do Nordeste). 86. Senhora da Penha de França (Água Retorta). 87. *Senhora da Graça (Faial da Terra)*. 88. Senhora dos Remédios (Povoação). 89. Mãe de Deus (Povoação/matriz). 90. Senhora do Rosário (Povoação). 91. *São Paulo (Ribeira Quente)*. 92. Senhora da Alegria (Furnas). 93. Santa Ana (Furnas). 94. Senhora da Vitória (Furnas). 95. Senhora das Mercês (Ponta Garça). 96. Senhora da Piedade (Ponta Garça).

[Nota: as ermidas e igrejas em *italico* correspondem às que o *rancho* de Ponta Garça «saúda de longe»].

Mapa desenhado por António Eanes

No passado, essas *pernoitas* tinham lugar em *cafuas* ou *palheiros*, situados nas imediações das povoações. Actualmente, porém, os *ranchos* beneficiam da hospitalidade dos moradores. Sobretudo no decurso dos anos 60 e 70 essa hospitalidade resultava frequentemente de devoção ou de promessa. Hoje em dia, esses casos são mais raros e, na sua grande generalidade, as casas que se oferecem para alojar romeiros são constituídas elas próprias por pessoas que tendo já integrado a Romaria ou continuando a integrá-la com regularidade, possuem com ela um vínculo especial.

De uma forma geral, o *mestre* contacta previamente os párocos das diferentes freguesias ou os *mestres* locais, informando a data da *pernoita*, bem como o número de romeiros que o *rancho* integra. Uma vez o *rancho* chegado à igreja paroquial, inicia-se a sua *arrumação*. Avisados pelos cantares do *rancho* e pelos sinos da igreja, as pessoas que se oferecem para alojar romeiros, dirigem-se para o adro da igreja. A operação é geralmente orientada pelo *mestre*. As pessoas comunicam-lhe o número de romeiros — geralmente dois — que podem alojar e o *mestre* vai indicando os romeiros que ficam nas diferentes casas. Por vezes, em freguesias maiores ou onde o povoamento é mais disperso, as pessoas que se oferecem para *arrumar* romeiros, em vez de se dirigirem à igreja paroquial, contactam o *rancho* à medida que este passa nas proximidades das suas casas.

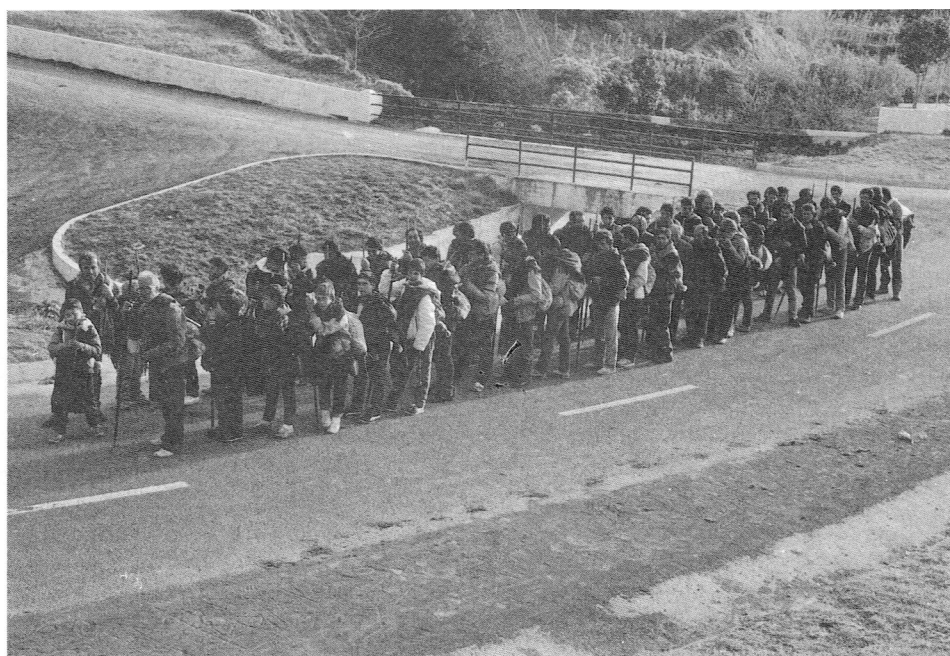


Fig. 3 — Marcha do rancho.

Nas casas onde *pernoitam*, os romeiros tomam a refeição da noite e podem ainda proceder a cuidados de higiene, embora muito sumários. De facto, durante todo o período de duração da Romaria, os cuidados de higiene dos romeiros são reduzidos ao mínimo, não apenas em resultado das circunstâncias objectivas que rodeiam o ritual, mas também como parte integrante dos usos e costumes com que ele se articula. Desses usos e costumes, merece particular menção a interdição absoluta de fazer a barba no decurso da Romaria, ainda hoje observada com notável uniformidade. Daí que, nas casas onde *pernoitam*, os romeiros procedam sobretudo ao *lava-pés*, em relação ao qual é por vezes acentuado um significado religioso, inspirado na narrativa da Última Ceia de Cristo.

No decurso da *pernoita*, os romeiros — de acordo com os dispositivos mais gerais de limitação das relações sociais que referimos atrás — estão obrigados a um código de conduta relativamente rigoroso, baseado numa atitude de reserva e descrição. A sua resposta às questões que lhe forem postas deve ser breve, não devem tomar a iniciativa de qualquer conversa, devem retirar-se o mais cedo possível depois da refeição, etc...

Sensivelmente a meio do percurso ou já na parte final da Romaria, está prevista a realização de um breve encontro do *rancho* com as famílias dos romeiros, por ocasião de uma das refeições do *rancho*. Esse encontro tem por



Fig. 4 — Pausa na marcha.

objectivo imediato o reabastecimento alimentar do grupo, já que nessa altura a maior parte das provisões alimentares trazidas de casa se encontra esgotada. Mas fornece também uma ocasião para que o afastamento dos romeiros em relação à família e à vida exterior seja momentaneamente mitigado. É de resto por esse motivo que esse encontro é aguardado, quer pelos romeiros, quer pelos seus familiares, com certa expectativa e emoção.

Características penitenciais da Romaria

É no quadro de algumas das indicações que acabamos de fornecer que podem ser entendidas as características penitenciais da Romaria.

Estas assentam, antes de mais, na dureza do próprio percurso percorrido pelos *ranchos*, expressa quer na sua extensão global, quer no ritmo diário da marcha.

A este quadro geral somam-se muitas vezes condicionalismos específicos. Assim, embora a maior parte do percurso seja actualmente feito por estrada, em muitos casos, para cortar caminho, são utilizados atalhos secundários, que tornam a marcha mais difícil. É por outro lado frequente que a Romaria se desenrole debaixo de condições meteorológicas adversas, frequentes na altura do



Fig. 5 — Aspecto do rancho.

ano em que ela se realiza. A marcha do *rancho* não deve ser interrompida e pode muitas vezes realizar-se dias a fio debaixo de chuva intensa e contínua. As condições meteorológicas adversas que os *ranchos* enfrentam constituem aliás um dos motivos centrais das conversas entre romeiros ou sobre a Romaria e fornecem um grande número de narrativas que enfatizam as dificuldades do ritual bem como os méritos específicos que daí derivam.

Estes factores contribuem para conferir uma dureza suplementar à caminhada que o grupo deve realizar. As marcas dessa dureza, perdida a frescura dos primeiros dias, não tardam em aparecer. Além do cansaço geral, começa a manifestar-se todo o tipo de sequelas: bolhas e calos nos pés, dores musculares, etc... Muitos romeiros consideram-nas como parte da penitência e recusam-se a efectuar qualquer tipo de tratamento.

A par das dificuldades da caminhada, a penitência assenta noutros dispositivos. E o que se passa com a alimentação. Esta, se exceptuarmos a refeição da noite, mais abundante e oferecida pelos donos da casa onde o romeiro *pernoita*, é em geral algo exígua.

Em certos casos a alimentação adquire um mais acentuado valor penitencial. E o que se passa com os romeiros que em resultado de uma promessa, participam na Romaria a *pão e água*. A privação alimentar extrema a que se submetem, reforçando substancialmente as dificuldades ligadas ao ritual, transforma a caminhada num verdadeiro sacrifício.

No passado, as condições precárias em que decorriam as *pernoitas* acentuavam também este quadro de dificuldades. E, mesmo hoje em dia, existe sempre o risco, sobretudo no caso de *ranchos* maiores, de a hospitalidade dos moradores das freguesias de *pernoita* ser insuficiente para *arrumar* a totalidade do *rancho*, podendo os romeiros remanescentes ter que dormir numa situação menos confortável, em qualquer recinto de circunstância.

A oração junto às igrejas e ermidas

Em conjunto com a penitência, a Romaria propõe aos seus participantes a consagração intensiva à oração.

Esta centra-se, em primeiro lugar, em paragens regulares em cada uma das igrejas e ermidas que a Romaria deve *visitar*. Essas paragens têm uma duração variável — entre 15 a 30 minutos — de acordo com vários factores: se a igreja ou ermida se encontra aberta ou fechada, se possui ou não «reserva eucarística», etc. Nalguns casos, se ela se localiza de forma excêntrica em relação ao percurso do *rancho* e a sua visita é susceptível de comprometer o andamento, o *rancho* limita-se a *saudá-la de longe*.

E o *mestre* — ou, eventualmente o *contra mestre* — quem assegura a direcção destas sequências de oração, que apresentam um padrão relativamente complexo.

O seu núcleo mais importante é constituído por um conjunto de cânticos e orações de características tradicionais mais ou menos marcadas⁽⁶⁾. Entre os cânticos, destacam-se o «Cântico de Chegada» — entoado à aproximação da igreja ou ermida — o «Cântico de Entrada» — que antecede a entrada do *rancho* na igreja ou ermida — e o «Senhor Deus Misericórdia» — utilizado no decurso da sequência da oração. Estes cânticos são idênticos de *rancho* para *rancho*. Quanto às orações, cada *rancho* dispõe de um fundo próprio integrado por 10 a 15 orações, umas de características tradicionais, outras retiradas ou adaptadas de livros de devoção. Em cada igreja ou ermida é uma dessas orações, cantada ou entoada em tom arrastado pelo *mestre*, que fornece a «espinha dorsal» da sequência da oração.

Este conjunto de cânticos e orações tradicionais apresenta alguns motivos dominantes.

Uma parte reflecte a orientação mariana que caracteriza a Romaria. Os Cânticos de Chegada e Entrada, por exemplo, são ambos cânticos de saudação e homenagem a Nossa Senhora. Um certo número de orações — preferencialmente usadas quando a igreja ou ermida *visitada* se encontra sob a invocação de Nossa Senhora — apresenta também características similares.

O seu conteúdo expressa simultaneamente as características quaresmais do ritual. Em muitas das orações dedicadas a Nossa Senhora, ela é predominantemente invocada como a mãe do Cristo Crucificado. Um certo número de orações, por outro lado, centra-se na evocação da Paixão e Morte de Cristo. O seu tom penitencial é também muito acentuado, sendo frequentes as referências — por vezes de grande dramatismo — ao perdão dos pecados. É esse tom penitencial, enfatizado por uma entoação melódica particularmente plangente, que é ainda possível reencontrar no cântico «Senhor Deus Misericórdia».

Estes cânticos e orações de características tradicionais combinam-se, no quadro das sequências em que intervêm, com outros retirados da devoção geral católica. Entre estes últimos avultam sequências de «Pai Nossos» e «Ave Marias», o «Credo», outras orações mais curtas, etc...

A ordem em que estes diferentes elementos intervêm é, para cada *rancho*, relativamente invariável, operando a fórmula «Seja sempre bendita e louvada a Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo/Seja para sempre louvada a sua Mãe Maria Santíssima» como o elemento de separação dos diferentes blocos⁽⁷⁾.

A parte inicial da oração decorre no exterior da igreja ou ermida. Depois do «Cântico de Chegada» tem lugar a entoação, pelo *mestre*, de uma das orações tradicionais referidas há instantes. Em muitas povoações é usual juntarem-se

⁽⁶⁾ Em apêndice podem-se consultar os textos desses cânticos bem como as orações usadas pelo *rancho* de Ponta Garça.

⁽⁷⁾ Esta fórmula é recorrente na Romaria sendo também utilizada como uma forma de saudação entre romeiros e entre estes e indivíduos que são exteriores ao *rancho*.

pequenos grupos de pessoas em redor do *rancho* e um dos objectos principais da sua atenção é justamente constituído por esta oração, que fornece posteriormente matéria para comentários e apreciações. O «Cântico de Entrada» põe termo a esta primeira sequência e é ao seu som que o *rancho* entra na igreja ou ermida, onde se realiza a segunda parte da oração. Esta é dominada por sequências sucessivas de «Pai Nossos» e «Avé Marias», rezadas por intenções que o *mestre* vai explicitando e intercaladas por outras orações mais breves — «em louvor» do SSmo. Sacramento, do patrono da igreja ou ermida, etc.... Alguns cânticos podem ser também entoados no decurso desta segunda metade da oração, com relevo para o «Senhor Deus Misericórdia». O termo da oração é geralmente assinalado por intermédio da fórmula «Bendita a hora e o dia/ Em que o Anjo São Gabriel/ Desceu do céu à terra/ Cantando Avé Maria...» que se articula, na sua parte final, com a «Avé Maria dos Romeiros» — um cântico de características tradicionais que teremos ocasião de analisar mais à frente — ao som do qual o *rancho* abandona a igreja ou ermida.

Como referimos, este padrão da oração — de que apenas restituímos as linhas muito gerais — é relativamente invariável. Entretanto, se a igreja ou ermida se encontra fechada ou se é «saudada de longe», pode ser significativamente encurtado. São por outro lado importantes as variações de pormenor que ele apresenta de *rancho* para *rancho* (Cf., a título de exemplo, o padrão de oração apresentado em Câmara, 1984: 99 a 102).

De entre as igrejas e ermidas que o *rancho* visita diariamente é escolhida uma, onde além da *visita* — que decorre nos moldes anteriormente expostos — o *rancho* assiste à missa e comunga, de acordo com os requisitos religiosos que rodeiam a participação na Romaria. De facto, a condição de romeiro deve ser, tanto do ponto de vista da igreja — que põe nisso particular empenho —, como do ponto de vista dos próprios romeiros, uma condição «de graça». Os romeiros devem obrigatoriamente confessar-se na véspera do dia de saída do *rancho* e, no decurso da Romaria devem diariamente assistir à missa e comungar. Estes preceitos, ao mesmo tempo que se integram no quadro mais geral da consagração exclusiva às «coisas de Deus» inscrita na Romaria, são também vistos como uma condição indispensável para a eficácia da penitência e da oração.

A oração no decurso da marcha

Paralelamente à oração junto às igrejas e ermidas, o conjunto do percurso da Romaria, sobretudo nos *ranchos* mais rigorosos, deve ser feito integralmente a rezar. Em comparação com a oração junto às igrejas e ermidas, esta segunda

grande modalidade da oração apresenta entretanto, de *rancho* para *rancho*, uma estrutura mais uniforme.

Nela avulta, como figura central, a «Ave Maria dos Romeiros», um cântico de características tradicionais construído a partir da «Ave Maria». Cântico por excelência da Romaria, a «Ave Maria dos Romeiros» é também o seu verdadeiro «emblema» acústico. As suas características de coral colectivo, severo e plan-gente — em cuja linha melódica Bettencourt da Câmara (1984: 95) detectou a influência do cantochão, combinado com elementos de natureza popular — transmitem de forma particularmente incisiva as principais linhas de força do ritual.

Entoada quer à aproximação das igrejas e ermidas, quer no termo das seqüências e oração nelas centradas, a «Ave Maria dos Romeiros» é ainda de norma sempre que o *rancho* atravessa povoações ou lugares habitados. Para a cantar o *rancho* divide-se em duas metades, uma encarregada da *Ave Maria...* e outra da *Santa Maria...*

Além das suas características genéricas de cântico religioso em louvor de Nossa Senhora, a «Ave Maria dos Romeiros» articula-se com formas específicas de oração. A espaços, o cântico é interrompido por um «pregão» — ou *salva* — entoado em tom arrastado pelo *alembrador das almas* ou pelo *mestre*. Esse «pregão» é usualmente conhecido através das expressões *alembrear as almas* ou *bradar às almas* e é geralmente intercalado no início de uma das metades da «Ave Maria». Depois de pronunciar a fórmula «Seja sempre bendita e louvada a Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo» — à qual o *rancho* responde «Para sempre seja louvada e sua Mãe Maria Santíssima» — o *alembrador das almas* (ou o *mestre*) solicita quer ao *rancho* quer às pessoas que assistem à sua passagem que rezem um determinado número de orações — geralmente um «Pai Nosso» e uma «Ave Maria» — por intenções que são especificadas no próprio «pregão». O cântico é de seguida retomado, e quando se inicia a metade seguinte da «Ave Maria dos Romeiros», a secção do *rancho* que se mantém em silêncio deve então rezar, para si, as orações pedidas.

*

Ao lado da «Ave Maria dos Romeiros», a oração durante a marcha reserva um papel importante à recitação do terço. Esta é de norma sempre que o *rancho* caminha em *descampados*.

A recitação do terço pode ser colectiva e em voz alta ou individual e em silêncio. Cada uma das duas modalidades corresponde a objectivos distintos. Os terços rezados individualmente e em silêncio — que no cômputo global da Romaria podem subir a cerca de 40 — ligam-se a uma componente mais pessoal da oração de cada romeiro e destinam-se sobretudo às suas intenções individuais. Alguns deles podem entretanto ser oferecidos a parentes e amigos, pelas suas

intenções, devendo estes, *em troca*, rezar o mesmo número de terços pelas intenções do romeiro que lhos ofereceu.

Quanto aos terços rezados em voz alta — cujo quantitativo se eleva também a cerca de 40 — destinam-se fundamentalmente a satisfazer pedidos expressamente feitos ao *rancho* por pessoas que lhe são exteriores. Nesses pedidos, as pessoas solicitam ao *rancho* que reze, por intenções que elas especificam, um determinado número de orações — geralmente um «Pai Nosso» e uma «Ave Maria». No caso mais geral, trata-se de um pedido simples para que o *rancho* reze, por determinada intenção, esta ou aquela oração; noutros casos, o pedido é para que o *rancho* realize essas orações diariamente, durante todo o período de duração da Romaria. Estes dois tipos de pedidos recobrem realidades sociológicas diferenciadas. Enquanto que o segundo provém de pessoas que pertencem à própria freguesia do *rancho*, o primeiro tem a sua origem em pessoas que, nas diferentes freguesias por onde o *rancho* passa, se lhe dirigem expressamente nesse sentido. Ao solicitarem essas orações, essas pessoas comprometem-se em *troca* a rezar, em função do seu pedido, um número de orações idêntico ao número de romeiros do *rancho* mais três, correspondente às três pessoas da Santíssima Trindade⁽⁸⁾. Nos casos em que o pedido é para que o *rancho* realize essa oração diariamente, é também diariamente que a pessoa que o formulou se compromete a essa espécie de contra-prestação.

A recolha desses pedidos constitui, como vimos, a função exclusiva do *procurador das almas*, que informa também as pessoas que se lhe dirigem do número de romeiros que o *rancho* integra. Os pedidos são depois comunicados ao *mestre*, para serem transformados em terços. Para o efeito o *mestre* dispõe de um *rol* de orações, onde anota, além desses pedidos, a totalidade dos terços rezados pelo *rancho* ao longo da Romaria.

Do conjunto de terços rezados diariamente em voz alta, um deles destina-se a ser oferecido por cada um dos romeiros, pelas intenções das pessoas em cuja casa irá *pernoitar*. Geralmente no fim da refeição e antes de se retirarem para dormir, os romeiros procedem à entrega simbólica do seu terço ao chefe de família, significando com esse gesto que lhe estão a oferecer, pelas suas intenções, o terço para esse efeito rezado durante a marcha. Ao aceitar o terço, que devolve de imediato, o chefe de família compromete-se também, por seu turno, a rezar um terço pelas intenções do romeiro.

A importância destas formas de «troca» da oração deve ser sublinhada. Por seu intermédio, a Romaria projecta-se para fora do quadro estrito em que começa por se situar e tende a vincular a si o conjunto da sociedade. Os pedidos simples de orações feitos ao *rancho* ao longo do seu percurso assumem, neste quadro, um particular significado. Continuamente atravessadas, ao longo das

⁽⁸⁾ Esta tradição possui a sua justificação no facto de as Três Pessoas da Santíssima Trindade serem consideradas como parte integrante do *rancho*.

semanas da Quaresma, por sucessivos *ranchos* de romeiros, as diferentes freguesias da ilha e os seus habitantes são no fundo convidados a associar-se ao espírito quaresmal de penitência e oração que os *ranchos* encarnam.

A oração aparece por fim associada aos principais eventos que marcam a marcha diária do *rancho*. Tanto o início como o termo de cada etapa são assinalados por sequências de oração apropriadas, tal como o início e o termo das refeições. Nessas orações é sobretudo pedida a protecção divina para a Romaria e para cada um dos romeiros. Caso o pão e as bebidas da refeição tenham resultado de uma oferta feita ao *rancho*, o *mestre* pede também algumas orações pela pessoa que fez essa oferta.

Intenções da oração: o relevo das *almas do purgatório*

A oração no quadro da Romaria reserva um papel importante a um conjunto variado de intenções.

Algumas delas são de ordem pessoal, como no caso dos terços rezados em silêncio durante a marcha, e variam de romeiro para romeiro. Mas, como tivemos oportunidade de verificar, uma parte importante das intenções são prévia e explicitamente enunciadas pelo *mestre* ou por quem tem a seu cargo a condução da oração — *contra-mestre*, *alembrador das almas*. Essas intenções são várias. Durante os anos 60 e 70 parece ter sido conjunturalmente importante, por exemplo, o peso de intenções relacionadas com a guerra. E, mais recentemente, nota-se uma certa pressão da Igreja no sentido da adopção de intenções ligadas à sua acção pastoral. Mas um lugar de certo relevo continua a ser ocupado por intenções de características tradicionais. Entre estas destacam-se as referentes às *almas do purgatório*.

E em torno da «Avé Maria dos Romeiros» e dos «pregões» que a ritmam regularmente que se exprime de forma mais notória esta faceta das Romarias. Entre as intenções que os «pregões» acolhem, as *almas do purgatório* ocupam de facto um lugar importante. Eis um exemplo de um desses «pregões», em que o *alembrador das almas* (ou o *mestre*), depois de pronunciar a fórmula «Seja sempre bendita e louvada a Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo (...)», solicita:

«Em honra e glória do mesmo Senhor
Aplicado por aquelas almas benditas do purgatório
Principalmente por aquelas que não têm ninguém que reze por elas
Lembre-mos nós por caridade
Padre Nosso, Avé Maria.»

Ao lado deste tipo de formulação surgem frequentemente outras de sentido genérico similar, em que se solicita a oração pelas *almas do purgatório*, «principalmente pelas mais necessitadas», ou «principalmente pelas mais abandonadas». Simultaneamente, são usuais «pregões» em que a referência às *almas do purgatório* é apresentada de uma forma mais particular: «pelas almas dos pais, avós, parentes, amigos e benfeitores falecidos» de todos os romeiros que integram o *rancho* «pelas almas» dos habitantes falecidos das diferentes freguesias que o *rancho*, atravessa no decurso da marcha, etc... Alguns *ranchos*, inclusivamente, possuem orações específicas que devem ser rezadas sempre que, no seu itinerário, passam nas imediações de um cemitério, «pelas almas» de todos aqueles que ali repousam.

Presente em plano de maior relevo na oração durante a marcha, a ligação da Romaria às *almas do purgatório* reencontra-se também no quadro da oração junto às igrejas e ermidas, sobretudo em articulação com os «Pai Nossos» e «Avé Marias» pedidos. As modalidades de oração que pontuam a marcha diária do *rancho* dão-lhe também um certo relevo.

Esta preocupação central com o destino após a morte tem ainda outras manifestações. São por exemplo frequentes as intenções que solicitam a protecção divina no momento da morte — «a última hora, a hora da nossa morte, para que Nosso Senhor nos assista com os sacramentos» — por vezes particularizadas em relação a pessoas que, por uma ou outra razão, se podem encontrar em perigo de morte. A actividade marítima, encarada como especialmente perigosa, é em particular, objecto de várias referências explícitas. É também neste quadro que podem ser entendidos os pedidos de protecção divina em relação a «tremores de terra, fome, peste e guerra» (Câmara, 1984: 102), ou, noutras formulações, em relação a «fogo, fome, peste, guerra, mortes repentinas, perdições de almas e corpos».

E à luz da importância tradicionalmente reconhecida à oração em intenção das almas do purgatório que é possível interpretar tanto as designações tradicionalmente atribuídas aos «pregões» que ritmam a «Avé Maria dos Romeiros» — *alembrar as almas* ou *bradar às almas* — como a própria denominação do romeiro encarregue de os proferir — o *alembrador* ou *proclamador das almas*. O mesmo acontece com a denominação de *procurador das almas*. De resto, ainda hoje, uma parte dos pedidos de oração feitos ao *procurador das almas* continua a relacionar-se com as *almas do purgatório*.

Esta orientação da oração da Romaria para as *almas do purgatório* ecoa uma das características centrais que a Quaresma possuía na cultura popular portuguesa. Até há cerca de 40 / 50 anos, a Quaresma aparecia de facto generalizadamente articulada com a Encomendação das Almas, um ritual que tinha justamente na oração pelas *almas do purgatório* o seu objectivo central e exclusivo (para uma apresentação da Encomendação das Almas, cf. Dias, A. Jorge e Margot, 1950). Presente em toda a geografia cultural portuguesa, a Encomendação das Almas reencontrava-se também nos Açores, designadamente

em São Miguel (cf., a este respeito, Cortes-Rodrigues, 1942 / 45; Dias, U. Mendonça, 1948: 226 a 230; e Tavares, 1979: 161 a 163).

É no quadro desta ligação entre a Quaresma e o culto das *almas do purgatório* que é possível interpretar, com forte probabilidade, a importância que as Romarias Quaresmais concedem ao tema. Merece a pena sublinhar, a propósito, alguma similitude formal existente entre certas formulações da Encomendação das Almas e algumas das que podemos encontrar na Romaria.

A «experiência» da Romaria

Caracterizadas pelos aspectos que acabámos de passar em revista, as Romarias Quaresmais constituem uma experiência singularmente forte e radical. E com uma evocação dessa dimensão da Romaria, decisiva para aqueles que protagonizam o ritual, que gostaríamos de terminar este texto.

Referindo-se a ela, o *mestre do rancho* de Ponta Garça falava da «doçura que jorra da Romaria». Muitos outros romeiros definem por sua vez a Romaria como «um tempo diferente», e a maneira como se referem a ele mostra um certo fascínio. É em parte devido a esse fascínio que, para um número considerável de romeiros, a Romaria reveste as características de uma devoção regular. Muitos confessam que, quando da sua primeira participação na Romaria — em cumprimento de promessa, ou até por curiosidade — não tinham intenções de repetir a experiência. Mas, «uma vez que se faz a Romaria, a gente volta, aquilo entra connosco». Para alguns romeiros, segundo eles próprios dizem, a semana da Romaria é inclusivamente a altura do ano aguardada com mais expectativa.

Mesmo para aqueles que participam uma única vez na Romaria, esta constitui um acontecimento frequentemente recordado e que deixa marcas muito fundas.

Essa experiência envolve, primeiro que tudo, uma dimensão religiosa. A Romaria representa de facto uma experiência radical de relação directa com a divindade. Cortados da sua actividade corrente, momentaneamente separados do «século», os romeiros vivem exclusivamente para as «coisas de Deus» durante a semana em que dura o ritual. A consagração exclusiva à oração, a dureza da penitência, o «estado de graça» que os habita, são sentidos como instrumentos fundamentais de uma aproximação à divindade, valorizada em si mesma, como experiência privilegiada e rara.

Esta momentânea aproximação à divindade é vivida de acordo com uma dimensão de perdão e reconciliação muito forte. Sublinhada em muitas orações, essa dimensão integra em plano de relevo as motivações dos protagonistas do ritual. A penitência, tal como se expressa nas dificuldades do percurso é justamente encarada deste ponto de vista, constituindo um dos aspectos mais sublinhados do ritual. Simultaneamente, a relação de particular proximidade estabelecida com a divindade ao longo da Romaria é vista como um poderoso

factor de renovação e regeneração espiritual. «A gente sai daqui como novos», dizia-me um romeiro a esse propósito.

A Romaria circunscreve em segundo lugar uma experiência sociológica extremamente forte. Ao mesmo tempo que rompem momentaneamente os laços com a vida social corrente, os romeiros são projectados para o interior de um quadro sociológico extremamente peculiar. Esse quadro é o circunscrito pelo conjunto de normas, valores e práticas que estruturam o funcionamento do *rancho*. Como tivémos ocasião de verificar, os *ranchos*, ao mesmo tempo que abolem as diferenças sociais reservam um papel central aos temas da disciplina e da solidariedade. Por seu intermédio o *rancho* define-se como uma espécie de «*communitas*», para usar a expressão de V. Turner (Cf. Turner, 1969 e 1974). Isto é: como um quadro social feito de relações de participação total e imediata de cada um no grupo, com abandono do seu individualismo e o acento em valores de fraternidade e harmonia social.

Vivida em contraposição com a vida social corrente, esta faceta da Romaria é fortemente valorizada pelos romeiros: «A gente aqui somos mesmos como irmãos», «durante uma semana é como uma família, até mais unida que a verdadeira, aquela que deixámos para trás», etc.

A força destes laços é tal que, sobretudo entre o núcleo mais estável de romeiros, se cria uma cumplicidade que subsiste muitas vezes para além da Romaria. São frequentes os casos de romeiros cujo relacionamento continua a ser informado pelas ideias de fraternidade que a Romaria faz suas. Paralelamente, muitos deles mantêm entre si o tratamento por *irmão* específico da Romaria.

APÊNDICE
Cânticos usados na Romaria

Cântico de Chegada

Deus vos salve Maria Filha de Deus Pai
Deus vos salve Maria Mãe de Deus Filho
Deus vos salve Maria Templo do Sacrário da Santíssima Trindade, Amen.

Cântico de Entrada

Dai-nos licença Senhora
Rainha Imaculada
Para que entremos agora
Em vossa santa morada

Senhora dai-nos licença
Aos tristes filhos de Adão
Para que em vossa presença
Vos faça minha oração

Entraí pecadores entraí
A ver a Mãe de Jesus
E água benta tomai
Fazei o sinal da cruz

Quero depor-vos aos vossos pés
Hoje pela primeira vez
Rainha do alto dos céus
Nossa Mãe e Mãe de Deus

Ajoelhai pecadores
Com os joelhos no chão
Assim fez o Redentor
Pela nossa salvação.

Senhor Deus Misericórdia

Senhor Deus
Misericórdia } 3 vezes

Virgem Mãe de Deus e Mãe Nossa
Alcançai-nos o Vosso amado Filho
Misericórdia.

} 3 vezes

*Orações do rancho de Ponta Garça***Oração a Nossa Senhora**

Vós, ó Maria, sois aquela única mulher na qual o Salvador achou o seu descanso, e a quem se reservou entregar todos os seus tesouros. Por esta razão, todo o mundo, ó minha Senhora, honra o vosso casto seio como templo de Deus, no qual se deu princípio à salvação do mundo e se fez a reconciliação entre Deus e o homem. Vós sois aquele horto fechado, aonde jamais entrou a mão terrena para manchar a flor da vossa pureza. Vós sois aquele belo jardim aonde Deus depôs todas as flores que ornaram a Santa Igreja, entre elas a violeta da vossa humildade, o lírio da vossa pureza, a rosa da vossa caridade. Com quem vos compararemos ó mãe de graça e de beleza? Vós sois o paraíso de Deus. de vós saiu a fonte de águas vivas que fertiliza toda a terra. Ó quantos benefícios tens feito ao mundo, merecendo ser aquele saudável meio por onde nos comunicas todos os bens e todas as graças.

Salva à Santíssima Virgem

Deus vos salve Maria singular ornamento do céu e amparo da terra. Deus vos salve Maria mãe mil vezes ditosa do Rei Eterno. Vós, Senhora, depois do Vosso unigénito Filho, tendes o império de todas as coisas. A vós todas as idades e gerações inclinam a cabeça. A vossos pés se prostra toda a redondeza da terra, porque depois da inefável e suma Trindade, não tem o palácio do céu outra coisa mais formosa do que vós. Ouvindo o vosso nome, tremem os demónios. Descobrimo-nos o vosso resplendor, fogem as trevas e ao vosso mando, se abrem de par em par as portas do céu. O esperança dos cristãos, depois de Cristo Vosso Filho. Ó Rainha de misericórdia, doçura e vida. A vós suspiramos, desterrados neste vale de lágrimas. Ajudai-me Senhora nos meus trabalhos, defendei-me nos meus perigos, esforçai-me nos meus desmaios e depois deste desterro mostrai-me ao bendito fruto do vosso ventre Jesus Cristo, o qual vive e reina por todos os séculos dos séculos.

Oração à Santíssima Virgem

O mística rosa, Maria que tendo o vosso amabilíssimo coração abrasado nas mais vivas chamadas da caridade, nos aceitastes por filhos ao pé da cruz, tornando-vos nossa mãe terníssima. Fazei-me experimentar a doçura do vosso coração maternal e a força do vosso poder junto de Jesus, em todos os perigos da minha vida, especialmente na hora terrível da minha morte.

Diante da Imagem de Maria

Santíssima e Imaculada Virgem Maria minha mãe, a rainha do mundo, a advogada, a esperança, a vós que sois a mãe do meu Senhor e refúgio dos pecadores, recorro eu hoje, que sou o mais miserável de todos. Venero-vos, ó grande rainha, e vos agradeço todas as graças que até ao presente me tendes feito, especialmente a de me teres livrado do inferno que tantas vezes mereci. Eu vos amo, Senhora amabilíssima, e por vosso amor prometo servir-vos sempre e empregar todos os esforços para que sejais também pelos outros amada. Em vós ponho todas as minhas

esperanças, toda a minha salvação. Aceitai-me por vosso servo e tomai-me sob a vossa protecção, ó mãe de misericórdia. E já que tão poderosa sois junto de Deus, livrai-me de todas as tentações e dai-me a força de as vencer até à morte. Peço-vos o verdadeiro amor de Jesus, por vós espero ter uma boa morte. O minha Mãe, pelo amor que tendes a Deus, peço-vos que me assistais sempre, mas sobretudo no derradeiro instante da minha vida. Não me abandoneis enquanto não me virdes salvo no céu, a bendizer-vos e a cantar as vossas misericórdias por toda a eternidade. Amen.

Oração à Santíssima Virgem

O Maria, eu bem sei que vós sois a criatura mais nobre, a mais sublime, a mais pura, a mais bela, a mais benigna, a mais santa, a mais amável de todas as criaturas. Ó se todos vos conhecessem, e vos amassem, como vós mereceis. Bem quisera eu amar-vos, mas conheço que não vos amo como devo. O minha Senhora, que de hoje em diante vos ame com um amor verdadeiro, eficaz e perseverante. Se eu deveras vos amar, serei salvo, porque este é um sinal de predestinação e uma graça que Deus não concede senão àqueles a quem quer salvar. Rogai por mim Senhora, rogai até que eu me veja no céu livre de perigo de perder a graça do meu Senhor e seguro de o amar, e a vós, por toda a eternidade.

Oração a Maria Santíssima

O rainha dos céus. De vós se fala, quando se diz: quem é esta que apareceu com a aurora, que vem subindo, formosa como a lua e escolhida como o sol. Vós viestes ao mundo, ó Maria, como resplandecente aurora, prevenindo com a luz da vossa santidade a vinda do sol de justiça. O dia em que vós aparecestes no mundo, bem se pode chamar dia de salvação, dia de graça. Sois bela como a lua porque assim como não há planeta mais semelhante ao sol, assim também não há criatura mais semelhante a Deus que vós. A lua ilumina a noite com a luz que do sol recebe e vós alumiais as nossas trevas com as luzes da vossa virtude. Vós porém sois mais bela que a lua porque em vós não se acha mancha, nem sombra. Vós sois escolhida como o sol divino que criou o sol que vemos. Ele foi escolhido entre todos os homens e vós escolhida entre todas as mulheres.

Oração a Maria Santíssima

Adoro-vos, ó cheia de graça, o Senhor é convosco. Adoro-vos, ó instrumento da nossa alegria, pois que em vosso Filho a sentença da nossa condenação se renovou e mudou em um juízo de bênção. Adoro-vos, ó templo da Glória de Deus, casa sagrada do Rei do Céu. Vós sois em Jesus Cristo a reconciliação de Deus com os homens. Adoro-vos, ó Mãe da nossa alegria. Na verdade vós sois bendita; entre todas as mulheres fostes digna de seres a mãe do nosso Criador. Todas as nações vos chamam bem-aventurada. O Maria, que eu ponha a minha confiança em vós: alcançai-me os meios da minha salvação. Se eu estiver debaixo da vossa protecção, nada temerei, porque o ser vosso devoto verdadeiro é ter um impenetrável escudo contra os assaltos dos meus inimigos.

Oração a Nossa Senhora da Piedade

A Mãe de Jesus ao pé da Cruz aonde seu Filho está pendente, sente mesmo dentro do seu coração a mais viva amargura de todas as amarguras. Aqui é que a sua alma foi trespassada com aquela espada de dor que o santo velho Simeão lhe predisse. Que tristeza, que aflição se apodera desta bendita Mãe do Filho primogénito de Deus, que sabia que era o Deus da Glória. Quem poderia ficar insensível considerando esta puríssima padecer com o Seu Filho? Ela o vê na última agonia expirar em uma cruz abandonado de todos. O Mãe, fonte de verdadeiro amor, obtende-me a graça de chorar convosco o vosso unigénito Filho. Fazei que o meu coração se abraze nas chamas do amor de Jesus Cristo para que eu só em lhe agradar [...]. Pedi-lhe que permita fazer-me sinceramente padecer as dores que ele suporta sobre a Cruz. Meu desejo o mais ardente é acompanhar-vos ao pé da cruz e banhar-lhe com as minhas lágrimas. Virgem incomparável, mostrai-vos sensível aos meus votos e obtende-me a graça de chorar convosco o vosso divino Filho. [Ele] me faça continuamente levar sua morte e a sua cruz e grave em minha memória os

tormentos e a ignomínia da sua paixão. Ele me fira das suas chagas e me faça beber como um vinho delicioso as amarguras da sua cruz e esse amor inflame e abraze o meu coração e a vossa protecção me obtenha a salvação eterna. No dia do juízo, a cruz do vosso Filho seja a minha defesa, a sua morte seja a minha segurança, a sua graça seja o meu apoio e quando o meu corpo morrer consegui para a minha alma a felicidade da Glória eterna no celestial paraíso por toda a eternidade. Amen.

Salva da Cruz

Ó Cruz bendita. A minha cabeça curva-se e os meus joelhos dobram-se diante de ti. Porque tu simbolizas o máximo amor, o máximo sofrimento na dolorosa peregrinação desta vida. És farol e és esperança, iluminas o mundo e apontas o céu. Vão para ti os meus mais formosos sonhos de crente, os meus mais puros amores de cristão. Madeiro de ignomínia, enobreceu-te o sangue precioso de um Deus [que] transformou-te em [...] de perdão e em símbolo santo de misericórdia. Tu, ó Cruz do triste [...] do naufrago és venerada pelas nações e os homens que te escolheram para instrumento de morte caíram aos teus pés como intercessora entre Deus e eles. És a sarça em que apareceu o cordeiro branco que deu a Isaac vida, és a fértil vida que deste ótimos frutos aos filhos dos homens, és a espada que cortaste a cabeça dos torpes ídolos do paganismo. És enfim a insígnia e a triunfadora a cuja vista o mar proceloso aplacará as turbulentas ondas do seu seio. Tu, ó Cruz, que ficas aqui no iluminar deste templo a enfeitar-lhe a modéstia portada como brasão heráldico [...] como ficaste na Gólgata a autenticar a agonia de um Deus, a monstruosidade de um crime, maior crime. Mas lá os que te olhavam atiravam-te [] do seu ódio e aqui saúdam-te com beijos do seu amor. Cruz santa, Cruz bendita, arma invencível, escudo formidável nos formidáveis combates desta vida, que para amar sem ti ninguém ama, que para viver sem ti ninguém vive, para vencer sem ti ninguém vence. Porque tu és o amor, és a esperança e a esperança é o céu, bendita, mil vezes bendita Cruz Santíssima da redenção.

Oração do Calvário

Quando Jesus Cristo morreu no Calvário, as turbas se dispersaram, só ficou Maria junto à cruz com o discípulo amado, Madalena e outras mulheres. É então que a barbaridade mais iníqua se manifesta, quando um soldado levanta uma lança e lhe crava no sagrado coração. Maria é só para sentir e contemplar este golpe numa dor profunda na sua alma. Avizinha-se a noite quando chega José de Arimateia e Nicodemos com licença de Pilatos, para sepultarem o sagrado corpo de Jesus. Sobem à cruz e depois de lhe tirarem todos os instrumentos do martírio descem a Jesus e o depositam num lençol nos braços de sua mãe. Ó que dor, aqui só é a natureza a contemplar e a padecer. É a mãe que vê o seu Filho morto e martirizado, é o silêncio da misericórdia patenteando os atentados da culpa, é o receio de Maria Santíssima daquela profecia que diz será ruína para muitos. Foram os meus pecados, Senhora, que causaram as feridas que vedes no corpo do vosso santíssimo Filho, mas já que sois mãe de piedade e ele o Pai de misericórdia, alcançai-me a graça de chorar as minhas culpas com firme propósito de não cometer novas ofensas. Amen.

Oração ao Senhor Santo Cristo

O meu Deus, que, para remir o mundo, quisestes nascer, ser circuncidado, rejeitado pelos judeus, atraído por Judas com um ósculo, atado com duras cordas, arrastado como inocente cordeiro para a morte, apresentado no meio dos desprezos ao tribunal de Anás, Caifás, Pilatos e Herodes, acusado por falsas testemunhas, dilacerado pelos açoites e coroado de espinhos, cuspidado e esbofetado, ferido com a cana e vendado por escárnio, despido das vestes, pregado no patíbulo da cruz no meio de dois malfeitores, amargurado com fel e vinagre, ferido pela lança. Vós, ó Senhor, pelas vossas acerbíssimas penas que eu, indigno pecador, vou meditando, e pela vossa santa cruz e dolorosa morte, livrai-me das penas do inferno e dignai-vos conduzir-me ao paraíso para onde levaste o facínora crucificado convosco. Ó meu Jesus, que com o Pai e o Espírito Santo, viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amen.

BIBLIOGRAFIA

- Ataide, Luís Bernardo Leite de.
 1920 Folklore do Concelho das Furnas. *Revista Michaelense*, ano 3, n.º 2: 766 a 783.
- Câmara, J. M. Bettencourt da,
 1984 *Para a Sociologia da Música Tradicional Açoriana*. Lisboa: I.C.A.L.P.
- Cortes-Rodrigues, Armando,
 1942/45 Cantar às Almas. *Açoriana*, vol. III: 17 a 35.
- Dias, A. Jorge e Dias, Margot,
 1950 A Encomendação das Almas. *XII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. 7.ª Secção, Ciências Históricas e Filológicas*, T. VIII, Lisboa: 593 a 564.
- Dias, Urbano Mendonça, A.
 1946 *A Vida de Nossos Avós. Estudo Etnográfico da Vida Açoriana, através das suas Leis, Usos e Costumes*, vol. V, Vila Franca do Campo: Tip. de «A Crença».
- 1948 *A Vida de Nossos Avós. Estudo Etnográfico da Vida Açoriana, através das suas Leis, Usos e Costumes*, vol. IX, Vila Franca do Campo: Tip. de «A Crença».
- Ferreira, Pe. Ernesto,
 1927 *A Alma do Povo Micaelense*. Ponta Delgada: Oficina de Artes Gráficas.
- 1959 As Romarias Quaresmais na Ilha de São Miguel. Sua Origem e Antiguidade. *Insulana*, Vol. XIV: 135 a 141.
- 1962 Regulamento dos Romeiros da Ilha de São Miguel — Açores. *Boletim do Governo Eclesiástico dos Açores*, vol.: 37, n.º 816: pp. 38 a 46.
- Ribeiro, Luís da Silva,
 1983 (1942) Romeiros Terceirenses. *Obras*, vol. III, Angra do Heroísmo, I.H.I.T. / S.R.E.C.: 97 a 98.
- Saraiva, Alvaro e Dias, Teixeira,
 1987 *Romeiros, Peregrinos de Hoje*. Ponta Delgada: edição dos autores.
- Tavares, Pe. José João,
 1979 (1944) *A Vila da Lagoa e o seu Concelho (Subsídios para a sua História)*. Ponta Delgada: Câmara Municipal da Lagoa.
- Turner, Victor,
 1969 *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Chicago: Aldine.
- 1974 *Dramas, Fields and Metaphors. Symbolic Action in Human Society*. Ithaca: Cornell University Press.
- Vasconcelos, José Leite de,
 1982 *Etnografia Portuguesa. Tentame de Sistematização*. Vol. VII [organização de M. Viegas Guerreiro, com a colaboração de A. Silva Soromenho e P. Caratão Soromenho], Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda.